

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Área de Filologia e Língua Portuguesa

Introdução ao Estudos da Língua Portuguesa II/2016

Prof.: *Waldemar Ferreira Netto*

waldemar.ferreiranetto@gmail.com

Programa

1. O estudo da oralidade: o objeto

Senso comum e cotidiano

Memória e identidade

Identidade Social

2. Oralidade tradicional

Narrativas Tradicionais, Narrativas Pessoais

Enunciação

Comunicação não-verbal

3. Oralidade nas sociedades letradas

Conversa: turnos e tópicos

Marcadores

Conhecimento partilhado

Repetições, correções

4. Oralidade tradicional nas sociedades letradas

Avaliação:

Uma resenha de um dos textos teóricos disponíveis no DropBox.

Um trabalho feito em grupo de até três pessoas (o máximo é 3, inclusive) sobre temas discutidos em aula. O nome do arquivo, contendo o trabalho deverá ser o nome de algum dos membros do grupo seguido do número USP desse mesmo aluno (não serão aceitos outros nomes de arquivos). **Logo no início do trabalho, devem aparecer os nomes dos membros do grupo, número USP e email para contato.** O trabalho tem de ser uma narrativa pessoal, em primeira pessoa, com características próprias da oralidade das sociedades letradas, adaptada de alguma narrativa tradicional anônima, conhecida.

Tanto a resenha quanto o trabalho têm de ser entregues por email. **Não serão aceitos trabalhos impressos.**

Resenha entrega em 7 de novembro de 2016

Trabalho entrega em 5 de dezembro de 2016

Filmes: sala 260

"Narradores de Javé" - 14 de setembro de 2016

"Fale com ela" - 21 de setembro de 2016

BIBLIOGRAFIA TEÓRICA DE LEITURA OBRIGATÓRIA

ANDERSON, Benedict. As origens da consciência nacional. In: ——— **Nação e consciência nacional**. [tit. orig. *Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*]. São Paulo: Ática, 1989.

Nesse texto, o autor trata, dentre outras coisas, da relação entre a formação de uma linguagem comum oficial e a formação do estado nacional. A hipótese do autor é a de que a unidade da língua oficializada foi uma das variáveis que permitiu a criação do estado nacional. Também tem a hipótese de que a formação e a divulgação da imprensa com tipos móveis permitiram o uso estatal da língua escrita oficializada. Desse ponto de vista, é possível estabelecer um vínculo, de um lado, entre a oralidade e a ausência do estado nacional e, de outro, entre a escrita e a formação do estado nacional.

ANDERSON_AsOrigensDaConsciênciaNacional.pdf

ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O. (2003). As escolhas lexicais e o desenvolvimento do tópico discursivo.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne (Orgs.). **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

Obra clássica, em que o autor estabelece a hipótese de que a formação de um grupo étnico se define por meio do contato nas fronteiras entre os grupos. Ele propõe que tanto os diacríticos culturais, dentre eles a língua, como os padrões de moralidade e excelência por meio dos quais as pessoas que pertencem a um grupo são julgadas, sejam manipulados pelos membros do grupo de acordo com a necessidade que têm de diferenciar-se ou não no contato nas fronteiras do grupo. Desse ponto de vista, é possível verificar que as mudanças nos diacríticos culturais e nos padrões de moralidade e excelência estão diretamente condicionadas às atividades nas fronteiras do grupo.

BARTH_GruposEtnicosSuasFronteiras.pdf

BRUNER, Jerome. The Narrative Construction of Reality. **Critical Inquiry**, v. 8, n. 1, 1991 p.1-21.

O autor tem a hipótese de que os indivíduos estabelecem a realidade como um fenômeno narrativo. Para isso, estabelece um conjunto de características próprias das narrativas, em geral, que podem ser manipuladas de forma a conseguir uma perfeita integração com ao que se pressupõe ser a realidade. A despeito da proposição da realidade como uma construção narrativa, as características manipuláveis das narrativas para a reprodução da realidade apresentam-se de forma extremamente positiva para a criação e a transformação das narrativas, de modo a adequá-las ao contexto sociocultural em que se inserem. Desse ponto de vista, a possibilidade de manipular aspectos da narrativa sem transformá-lo completamente vai ao encontro da hipótese de Barth sobre a relação intergrupar nas fronteiras étnicas. De maneira geral, podemos entender que a criação e a preservação dos diacríticos culturais e nos modos de preservar padrões de moralidade e de excelência próprios de cada grupo, dentre outras possibilidades, decorrem da manipulação das narrativas, sejam orais ou não.

BRUNER_ConstrucaoNarrativaRealidade.pdf

CANCLINI, Néstor García. As identidades como espetáculo multimídia. In: ——— *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

O autor discute como o processo de criação de identidade nos fins do século XX foi afetado pela crescente mundialização dos sistemas de comunicação. Segundo ele, para além da questão local-global, são definidas categorias transnacionais de consumo (gordos, velhos, transgêneros, etc.) que criam novas referências à construção da identidade.

CASCUDO, Luís da Câmara. O que é literatura oral. In: ——— **A literatura oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2006. p. 21-31

O autor apresenta sua hipótese a respeito da diferença entre narrativas folclóricas e populares. Segundo ele, apesar do folclore ser popular, tem de ser caracterizado pela antiguidade, pela persistência, pelo anonimato e pela oralidade. Qualquer fato popular, mesmo, fazendo parte da memória coletiva, só se caracteriza quando perde "as tonalidades da época de sua criação."

CASCUDO_LiteraturaOral.pdf

CASTRO, Joselaine S. A influência do conteúdo emocional na recordação de textos: uma abordagem conexionista. In: POERSCH, José Marcelino; ROSSA, Adriana (Org.). **Processamento da linguagem e conexismo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007. PP. 22-60

O trabalho do autor demonstra que o conteúdo emocional de um texto atua de forma a tornar o texto mais facilmente recuperável pela memória. Desse ponto de vista, o estabelecimento de narrativas com conteúdo emocional mais intenso torna-se um recurso mnemônico adequado para a preservação de narrativas. Na medida em que se entende que a memória implícita pode ser desencadeada por um fenômeno memorizado qualquer, as narrativas necessitam de um estímulo externo para serem desencadeadas.

CASTRO_ConteudoEmocionalNaRecordacaoDeTextos.pdf

CLASTRES, Pierre. Vida e morte de um pederasta. In: ———. **Crônica dos índios Guayaki**. O que sabem os Aché, caçadores nômades do Paraguai. Trad. Tânia Stolze Lima e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1995. p. 201-222

Neste ensaio, Clastre descreve aspectos da vida de Krembegi e de Chachubutawachugi, dois indivíduos Guayaki que assumiram papéis de gênero diferentes daqueles da maioria.

CLASTRES_MorteDeUmPederasta.pdf

DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. Trad. de Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Nesse trabalho, o autor propõe sua teoria sobre as emoções humanas, estabelecendo uma diferença entre emoção e sentimento. Parte da hipótese de que exista um fenômeno chamado de "marcadores somáticos". Esses marcadores seriam as primeiras reações corporais, decorrentes dos estímulos incidentes no corpo e apreendidos pelos sentidos. Não seriam conscientes. Essas seriam as emoções propriamente ditas. De maneira geral, o próprio corpo se encarregaria de dar as respostas adequadas a essas emoções. A partir da avaliação das respostas, o sujeito seria tomado do sentimento correspondente. Essa hipótese inverte a interpretação mais intuitiva das reações do corpo aos estímulos, uma vez que estaria propondo que as pessoas ficam tristes porque choraram e alegres porque riram, isto é, a reação corporal antecede os sentimentos. Na medida em que os marcadores somáticos, responsáveis pela criação das emoções podem ser manipulados pela experiência do indivíduo, eles estão sujeitos às transformações e adaptações culturais, e, portanto, à formação de grupos de indivíduos que reagem da mesma forma a estímulos culturalmente definidos. Desse ponto de vista, é possível estabelecer também as emoções e os sentimentos como traços diacríticos culturais, estendendo a proposta de Barth também para esse nível.

DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: ——— **O dizer e o dito**.

Neste ensaio, Ducrot descreve sua teoria da enunciação. O autor estabelece

DUCROT_EsbocoDeUmaTeoriaPolifonicaDaEnunciacao.pdf.

DUCROT_Polyphonie.pdf.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Trad. de Eduardo Brandão, da edição e, francês de 1930. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Nessa obra, o autor propõe que a formação da sociedade possa ser compreendida pela predominância de dois sentimentos: o sentimento de semelhança e o sentimento de complementaridade. Segundo ele, a partir dessas tendências, ocorreriam respectivamente a solidariedade mecânica, que preconiza a consciência comum, e a solidariedade orgânica, que preconiza a consciência individual. Para o autor, o desenvolvimento da solidariedade decorre do adensamento em conjunto crescimento populacional. O aumento do contato provoca não só a Divisão do Trabalho Social, mas também a individuação dos membros da sociedade.

ECO, Umberto. O leitor-modelo. In: ——— **Lector in fabula**. A cooperação interpretativa nos textos narrativos. Trad. de Atílio Cancian do original italiano de 1978. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 35-49

No capítulo 3 dessa obra, que é o que será abordado, o autor estabelece a hipótese da existência de um Leitor-modelo. Essa figura é decorrente do próprio enunciador, ao imaginar o conjunto de conhecimentos e habilidades interpretativas daquele que ele supõe que venha a ser o seu interlocutor. Na medida em que não há como garantir que o leitor-modelo (imaginado pelo escritor/enunciador) e o leitor de fato, pode-se imaginar que leituras e interpretações muito diferentes decorrerão para um mesmo texto. Entretanto, o autor, Eco, estabelece a hipótese especialmente para a escrita. Do ponto de vista da tradição oral, essa diversidade entre ouvinte-modelo e ouvinte de fato, não se estabelece de forma tão acentuada. As hipóteses de Anderson, Barth e Damásio estabelecem um conjunto de similaridades para a formação de grupos étnicos, pré ou pós nacionais. E, portanto, o ouvinte-modelo numa sociedade de Tradição Oral será, de fato, uma descrição muito mais precisa dos indivíduos culturalmente caracterizados.

ECO_LeitorModelo.pdf

EISENSTEIN, Elizabeth L. Algumas características da cultura impressa. In: ——— **A revolução da cultura impressa**. Os primórdios da Europa Moderna. São Paulo: Ática, 1998. P. 57-107

Nesse capítulo da obra, a autora procura caracterizar a cultura impressa, mediante o estabelecimento de três hipóteses básicas: i) aumento da produção e as alterações na recepção; ii) a padronização de códigos; iii) criação de guias de referência iv) possibilidade de cópias perfeitas; v) fixidez e mudança cumulativa e vi) manutenção de estereótipos.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O.; AQUINO, Zilda G.O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

FERNANDES, Florestan. 5. Sobre o Folclore. In: ——— **O folclore em questão**. São Paulo: Hucitec, 1978. p. 38-48

Nesse ensaio, o autor faz uma crítica às posições de um conjunto de folcloristas, incluindo-os aí num contexto positivista que entenderia o folclore como “sobrevivência” de traços arcaicos numa sociedade em contínua evolução orientada para um modelo perfeito, estipulado pela teoria, de primitivos a civilizados. Embora o autor não faça menção à Tradição Oral em que se imiscuem as práticas que os folcloristas, quicá inconscientemente, tentaram documentar e explicar, a dicotomia que se estabelece nos estudos do folclore parece sustentar a diferença entre as práticas culturais de uma sociedade de Tradição Oral em oposição às práticas culturais de uma sociedade em que há Tradição Escrita. Em relação a isso, seria conveniente contrapor a posição do autor à de Câmara Cascudo, apresentada em Literatura Oral.

FERNANDES_SobreFolclore_emFolcloreEmQuestao.pdf

FERREIRA NETTO, Waldemar. Porque as crianças falam? Uma resposta psicanalítica. In: **Resumos do II Encontro Internacional de Filosofia da Linguagem, A inter-relação entre o discurso mental e verbal**. Unicamp, 1991, p. 17/18.

Nesse ensaio, o autor tenta estabelecer uma relação entre o sentimento de prazer advindo da interação da criança com sua mãe, pela via do estabelecimento do par pergunta-resposta cuja manifestações mais claras são as variações entoacionais das frases utilizadas.

WFNetto_CriançasFalam.pdf

FERREIRA NETTO, Waldemar. Oralidade, letramento e memória: algumas consequências nas variações de mídia. **Revista Guavira**, n.6, 2008. p. 70-80

A formação e a manutenção de grupos sociais pressupõem a organização de papéis sociais para seus membros bem como que esses papéis sejam transmitidos entre as diferentes gerações. Aos membros desses grupos cumpre assumir os papéis da maneira como foram previamente estabelecidos e, a partir deles, regularem seus comportamentos. Diferentes transformações sociais exigem mudanças no conjunto dos comportamentos que podem se desencadeadas tanto pela necessidade da adequação de modelos comportamentais exemplares pela retroalimentação quanto pela substituição dos meios de informação pela

transformação tecnológica, que os caracteriza como meios de nível alto e de nível baixo, referindo-se estes às características materiais da transmissão e aqueles, às características compostas por diversas camadas de significação.

FERREIRANETTO_OralidadeLetamentoMemoria.pdf

FERREIRA, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

As autoras descrevem com detalhamento as diferentes etapas na aquisição da escrita pelas crianças. Definem três momentos específicos: a representação iconográfica, a representação silábica e a representação fonética. Na representação iconográfica, a criança usa as letras e as palavras como fossem símbolos, sem atentar para valores fonéticos (pessoas maiores têm nomes maiores, letras altas são para coisas altas); na representação silábica, a criança usa as letras como fatos silábicos (uma letra para cada sílaba) e na representação fonética a criança usa o alfabeto tal como é proposto pela escola. Essa divisão de etapas na aquisição da escrita praticamente reproduz o desenvolvimento filogenético da escrita.

FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística I**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 166-186.

Nesse ensaio, o autor procura apresentar as “máximas” propostas por Grice de forma bastante didática e detalhada.

FONSECA, Cláudia. A mulher valente. In: ———. **Família, fofoca e honra**. Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000. pp. 113-32

Trabalho descritivos interpretativo do uso das narrativas padronizadas como forma de caracterizar uma identidade. A autora conseguiu localizar uma tradição narrativa num grupo social específico do RS. As narrativas individuais foram produzidas por mulheres de geração diferentes e em contextos diferentes. Trata-se de uma manutenção de oralidade primária num contexto social mais amplo de sociedade letrada.

FONSECA_MulherValente.pdf

GALEMBECK, Paulo de Tarso; O turno conversacional. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. 2.ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1995. pp. 58-98

O autor caracteriza o turno conversacional. A análise é exemplificada com dados do projeto Nurc.

GALEMBECK_TurnoConversacional.pdf

GEERTZ, Clifford. O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem. In: ———. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989. pp. 45-66

Nesse trabalho, o autor propõe a hipótese de que o desenvolvimento biológico humano e o desenvolvimento cultural humano estiveram intimamente relacionados, criando uma relação de interdependência entre eles. O autor estabelece que, em particular, o desenvolvimento emocional tem de estar firmemente apoiado numa cultura que estabeleça para os indivíduos as reações emocionais adequadas aos fenômenos que os rodeiam. Desse ponto de vista, essa hipótese de Geertz vai ao encontro da proposição de Damásio, uma vez que ambos estabelecem a possibilidade de haver uma restrição cultural para o desenvolvimento emocional. Também desse ponto de vista, a proposição de Geertz, tal qual a de Damásio, estabelece vínculos com a hipótese de Barth, na medida em que a criação de traços diacríticos diferenciadores de grupos étnicos pode caracterizar-se também por interpretações subjetivas dos fenômenos.

GEERTZ_InterpretacaoCulturas_cap2e3.pdf

GEERTZ_TheInterpretationOfCultures_cap2e3.pdf

GEERTZ, Clifford. O senso comum como um sistema cultural. In: ———. **O saber local**. Novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes 1999. pp. 111-41

Nesse ensaio, o autor propõe a noção de Senso Comum, como um conjunto de conhecimentos culturais próprios. Ele propõe que o senso-comum tenha características específicas (naturalidade, praticabilidade, leveza, não metodicidade e acessibilidade). Do ponto de vista do autor, o senso-comum poderia ser interpretado como o conjunto de conhecimentos transmitidos por meio das mais diferentes manifestações orais, bem como por várias outras formas de linguagem, de maneira inconsciente, mas selecionada

historicamente pelas sociedades. Nesse caso, estariam não só todas as narrativas como também os mais diferentes gêneros utilizados pela Tradição Oral para isso (ditos, piadas, frases feitas...)

GEERTZ_SensoComum.pdf

GEERTZ_CommonSenseAsACulturalSystem.pdf

GELLNER, Ernest. De la comunidad a la sociedad. In: ——— **El arado, la espada y el libro**. La estructura de la historia humana. Trad. do original inglês de Angélica Scherp. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 38-64 <GELLNER_AradoEspadaLibro_capII.pdf>

Nesse capítulo, o autor estabelece a natureza das atividades cognitivas como o motor da transformação histórica humana. Segundo ele, há dois grandes tipos de propósitos no uso da linguagem, os quais seriam: a Referência e a Afirmação de Conceito Compartido. A primeira relaciona-se à fala tomada por sua relação direta com a natureza e estabelece o que ele define como “verdade (1)”; o uso da afirmação de conceito compartilhado, por sua vez, relaciona-se com as expectativas conceituais normativas próprias da sociedade em que se inserem, que ele define como “verdade (2)”. Do ponto de vista dos que usam a língua, cada um desses subsistemas constitui uma sensibilidade unitária e íntegra. Somos nós que, em retrospectivas, os classificamos de acordo com essas duas intenções de tipos radicalmente diferentes. Uma delas é a referência: sua validade se sustenta ou se perde segundo estados objetivos. Encontra-se adequadamente operacionalizada e ligada por si mesma à natureza, que determina sua “verdade” ou sua “falsidade”. A outra, em que pese a grande variedade das funções que poderia realizar, serve antes de tudo para afirmar o compromisso dos usuários da língua com os conceitos que compartilham. Pertencem simultaneamente à mesma comunidade. “A fidelidade aos conceitos torna possível a fidelidade à comunidade.” (p. 52)

GELLNER_AradoEspadaLibro_capII.pdf

GELLNER_CommunityToSociety.pdf

GELLNER, Ernest. 2. A cultura na sociedade agrária e 3. A sociedade industrial. In: ——— **Nações e nacionalismo**. Lisboa: Gradiva, 1993. p. 21-64

Nessa obra, o autor propõe a hipótese de que a sociedade ocidental tenha passado por, pelo menos, duas etapas cujas consequências culturais foram definitivas. Desconsiderando uma etapa de sociedade pré-agrária, o autor estabelece o momento de “sociedade agrária” e o de “sociedade industrial”. Segundo ele, a sociedade agrária caracteriza-se especialmente pela formação de classes sociais estanques, sem qualquer mobilidade entre elas. As classes sociais mais poderosas, são detentoras da linguagem mais estilizada e hipoteticamente mais desenvolvida, que se estabelece como alvo de “alta-cultura”. No entanto, em que pese o fato de ser um alvo, a imobilidade social estabelece que o desenvolvimento ocorra apenas internamente em cada classe: filhos de sapateiros serão sapateiros, filhos de nobres serão nobres, independentemente de suas histórias pessoais. Variações que ocorram seriam pontuais e não afetariam a sociedade como um todo. A sociedade industrial não pressupõe a mesma imobilidade, na medida em que as atividades sociais das classes menos-poderosas serão voltadas para a formação da mão-de-obra industrial. Dessa maneira, a formação dos indivíduos dessas classes será estabelecida por um nível mínimo de conhecimento necessário para as futuras especializações, cujo desenvolvimento estaria a reboque das necessidades industriais. Desse ponto de vista dessa hipótese, podemos entender que, nas sociedades agrárias, a especialização ocorre no interior das famílias, de maneira muito precoce, o que possibilita a criação de indivíduos extremamente habilidosos em seus ofícios. Nas sociedades agrárias, a especialização tardia não preconiza a formação de indivíduos especialmente habilidosos como na sociedade agrária, apesar de fornecer um mínimo necessário de cultura letrada, por exemplo, para todos os indivíduos, fato que não ocorre entre os indivíduos de uma sociedade agrária, cuja transmissão de conhecimento decorre da tradição oral.

GELLNER_NacoesNacionalismo_parcial_1983.pdf

GENETTE, Gérard. Voix. In: ——— **Figures III**. Paris, Éditions du Seuil, 1972. p. 225-227

Nesse trecho inicial do capítulo Voix, o autor procura estabelecer a diferença entre narrador e autor, especialmente nas narrativas de ficção, em relação às narrativas históricas, às autobiografias, dentre outras possibilidades.

GENETTE_Voix_trad.pdf

GINZBURG, Carlo. Sinais. Raízes de um paradigma indiciário. In: ———. **Mitos, emblemas e sinais.** Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179

Nesse ensaio, o autor apresenta as características de uma análise feita de fenômenos nem sempre percebidos. Tem um caráter mais propriamente metodológico.

GINZBURG_Sinais.pdf

GOFFMAN, Erwin. Introdução. In: ——— **A representação do Eu na vida cotidiana.** Tradução de Maria Célia Santos Raposo do original de 1959. São Paulo: Vozes, 2005. p. 11-24

Nesse trabalho, o autor atua mais diretamente no campo da psicologia social. Sua hipótese básica é a de que a formação da autoidentidade, “eu”, é definida na forma da criação de papéis à maneira das representações teatrais, cuja metáfora é fartamente utilizada. Desse ponto de vista, a proposta do autor vai ao encontro das demais propostas tanto de caráter antropológico, quando cognitivista, ao estabelecer que a criação de formas comportamentais decorre do desenvolvimento cultural do indivíduo.

GOFFMANN_RepresentacaoDoEuNaVidaCotidiana_Introducao.PDF

GOFFMAN_ThePresentationOfSelfInEverydayLife_Introduction_1956.pdf

GOFFMAN, Erwin. Footing. In.: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). **Sociolinguística Interacional.** Porto Alegre: AGE, 1998. p. 70-97

Nesse artigo, o autor estabelece o conceito de *footing* como a mudança de postura do locutor, assumindo, na locução, um novo papel marcado não só semanticamente, mas também pela postura corporal ou pela prosódia. O autor estabelece uma diferença entre instâncias de um locutor: autor, animador e responsável. O autor é propriamente o criador do texto enunciado, o animador é, de fato, quem o enuncia. Podem ser a mesma pessoa, alinhando-se essas duas instâncias. A instância do responsável assemelha-se à do narrador e é uma instância estritamente linguística.

GOFFMAN_Footing.pdf

GOFFMAN_Footing_Semiotica_v25n1_1979.pdf

GOODY Jack. Evolução e comunicação. In: ——— **Domesticação do pensamento selvagem.** Trad. de Nuno Luís Madureira. Lisboa: Presença, 1998. p. 11-29

Trata-se do primeiro capítulo de uma das obras mais importantes de Jack Goody. Nesse capítulo, o autor procura reestabelecer a diferença — que já havia colocado em relevo no artigo escrito em coautoria com Ian Watt *Consequences of Literacy* — entre sociedades de Tradição Oral e Sociedade Letradas. As dicotomias tradicionais manifestas entre “primitivos” e “selvagens”, “simples” e “complexos”, dentre muitas outras, podem ser tratadas não como um resultado de transformação ou evolução, mas como aspectos do processo de letramento desencadeado em algumas sociedades, particularmente a ocidental.

GOODY_EvolucaoEComunicacao.pdf

GOODY, Jack; WATT, Ian. **As consequências do letramento.** Trad. do original inglês de Waldemar Ferreira Netto do original de 1963. São Paulo: Paulistana, 2006.

Trabalho já clássico dos autores que estabelecem a hipótese das diferenças sociais e culturais entre sociedades de Tradição Oral e sociedades letradas. Segundo eles, nas sociedades de Tradição Oral, as narrativas que reportavam o passado são constantemente reformuladas de maneira a justificar as condições atuais da mesma sociedade. Nas sociedades de Tradição Oral também há uma constante seleção de fatos considerados mais importantes socialmente, o que define, por oposição, o esquecimento também como um fator cultural de interpretação do passado.

GOODY_WATT_TheConsequencesOfLiteracy_1963.pdf

GOODY, Jack. **A lógica da escrita e a organização da sociedade.** Lisboa: Edições 70, 1987.

GOULD, Stephen Jay. Evolução humana. In: ——— **Darwin e os grandes enigmas da vida.** São Paulo: Martins Fontes, 1999. pp. 39-70

Nesse ensaio, o autor retoma a hipótese da neotenia para explicar a evolução humana. Essa hipótese pressupõe que o dilema biológico de fazer nascer um indivíduo com hipertrofia cortical, como o homem, resolveu-se porque o nascimento realizou-se prematuramente, quando o desenvolvimento cortical ainda se apresentava com 50% do tamanho final. Essa hipótese explica o desenvolvimento biológico e cultural simultâneos após o nascimento, de

forma a criar um processo de interação entre esses dois aspectos. Esse ponto de vista vai ao encontro da hipótese de Geertz, em que o homem teve um desenvolvimento cultural e biológico simultâneos.

GOULD_EvolucaoHumana.pdf

GRICE, H.P. Lógica e conversação. Trad. de João Wanderlei Geraldi. In: DASCAL, Marcelo (Org.). **Problemas, críticas, perspectivas da lingüística. IV Pragmática**. Campinas, ed. do Autor, 1982. p. 81-103

Definindo o que ele chama de “princípio de cooperação” como o que se espera do comportamento dos participantes de uma conversa, Grice estabelece um conjunto de máximas, que se distribuem em quatro categorias: quantidade, qualidade, relação e modo. A categoria da quantidade corresponde ao fato de que a contribuição de cada falante tenha de ser informativa na medida exata do propósito da conversa em questão. A categoria da qualidade envolve que o comportamento do falante seja honesto e baseado em evidência adequada. A categoria da relação estabelece que a informação dada pelo falante seja relevante ao propósito da conversa; e, finalmente, a categoria modo envolve a clareza, precisão e brevidade no comportamento linguístico do falante durante a conversa. É um texto clássico nos estudos de pragmática.

GRICE_MaximasConversacionais.pdf

GRICE_LogicAndConversation.pdf

HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória histórica. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990. p. 53-89

A hipótese do autor é a de que a memória seja um processo que se estabelece coletivamente, por meio da contribuição contínua de terceiros para a sua formação. Segundo o autor, mesmo as memórias individuais seriam formadas coletivamente. Desse ponto de vista, por ser coletiva, a memória passa a ser um fenômeno social, estabelecendo diferenças e igualdades culturais, que se transmitem entre as gerações.

HALLBWACKS_MemoriaColetiva-e-MemoriaHistorica.pdf

HOBSBAWN, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-23

Nesse ensaio introdutório, os autores estabelecem a hipótese de que a formação de fatos culturais pode ser funcional do ponto de vista da criação da identidade étnica de um grupo ou de sua formação como um estado nacional. Assim, diferentes manifestações culturais podem ser criadas, com aparente inserção no passado, como uma criação retroativa, de maneira que se torne um diacrítico cultural comum para os membros do grupo, ou para os cidadãos de uma nação. Desse ponto de vista, a hipótese dos autores vai precisamente ao encontro da proposição de Goody e Watt quando discutem a constante adequação das narrativas e demais tradições orais que reportam ao passado em relação às necessidades do presente.

HOBSBAWN_RANGER_InvencaoTradicao.pdf

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Trad. de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes, Rio de Janeiro: Cultrix, no Rio de Janeiro, 19XX. .

KOCH, Ingedore V.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1989). **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez

.

LABOV, William. Some further steps in narrative analysis. To appear in special issue of **The Journal of Narrative and Life History** v. 7, n. 1-4, 1997.

Nesse ensaio, o autor retoma e aprofunda as propostas de trabalho anterior, realizado com Waletzky. Trata-se de uma metodologia de abordagem de narrativas pessoais. O autor propõe uma série de princípios que devem ser levados em conta nas análises, bem como sistema de classificação de unidades sentenciais que, associadas a eventos, são o suporte linguístico da narrativa. É obra fundamental para a compreensão atual das narrativas, uma vez que pode estender-se para muito mais do que narrativas pessoais.

LABOV_AnaliseDaNarrativa_trad01.pdf

LE GOFF, Jacques (1990). Monumento/Documento. In. ——— **A história nova**. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 535-553

Nesse ensaio, o autor propõe uma divisão entre dois tipos de fontes para a interpretação dos fatos históricos: monumentos e documentos. Os monumentos representam a história oficial, sendo formados à maneira de mnemônicos para fatos e heróis do passado que, hipoteticamente, atuariam de maneira funcional no presente. Os documentos, por sua vez, são os resíduos do passado que não foram guardados de forma consciente. A interpretação desses fatos, tal como de fósseis arqueológicos, possibilita a revisão de fatos passados, a despeito da informação oficial, salvaguardada pelos monumentos. Por se tratar mais de uma apresentação de metodologia de análise, os documentos, tal como também foram apresentados por Ginzburg decorrem da própria análise científica de resíduos do passado. Os documentos, invertendo a importância atribuída aos mesmo nesse ensaio, vão ao encontro da proposta de adaptação de fatos passados para a justificação do presente. De fato, os monumentos atuam do mesmo ponto de vista da invenção das tradições de Hosbsbawn e Ranger, quanto do ponto de vista de Goody e Watt em relação as narrativas orais, de uma sociedade de tradição oral.

LEGOFF_DocumentoMonumento.pdf

LEAKEY, Richard. A arte da linguagem. In: ——— **A origem da espécie humana**. Trad. de Alexandre Tort. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 117-133

Nesse texto, o autor descreve diferentes hipóteses a respeito da origem da linguagem, tal como a conhecemos atualmente, na espécie humana. Ele salienta a revolução do paleolítico superior, durante as últimas glaciações, como um momento pontual de grandes e evidentes mudanças culturais.

LEAKEY_ArteDdaLinguagem.PDF

LENNENBERG, Eric L. Hacia una teoria biologica del desarrollo del lenguaje (Resúmen General) **Fundamentos biológicos del lenguaje**. Madrid: Alianza Editorial, 1997. p. 413-438

Nesse capítulo, Lennenberg resume as bases de sua proposta, estabelecendo cinco premissas biológicas que lhe permitem compreender a linguagem como um processo biológico inato no ser humano: 1) “a função cognitiva é específica para cada espécie”; 2) “as propriedades específicas da função cognitiva aparecem reproduzidas em todos os membros do grupo”; 3) “os processos e capacidades cognitivas se diferenciam espontaneamente com o amadurecimento”; 4) “ao nascer, o homem está relativamente imaturo; alguns aspectos de seu comportamento e de sua função cognitiva surgem somente durante a infância” e, 5) “entre os animais, alguns fenômenos sociais sobrevivem da adaptação espontânea do comportamento do indivíduo em desenvolvimento ao comportamento dos outros animais que o rodeiam.” A partir dessas hipóteses, o autor entende que a linguagem é a manifestação de tendências cognitivas específicas da espécie, ou seja, é uma função cognitiva específica do ser humano.

LENNENBERG_FundBiologicosLenguaje.pdf

LEVI-STRAUSS, Claude. Ciência do concreto. In: ——— **O pensamento selvagem**. Trad. de Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Ed. Nacional, 1976. pp. 19-55

Baseado em um farto conjunto de observações, Levi-Strauss propõe, neste ensaio, a existência de duas formas paralelas de conhecimento: a magia e a ciência. Embora apresentem resultados diferentes, trata-se, segundo ele, de duas estratégias para se abordar a natureza. A magia, segundo seu uso cotidiano, sistemático e seletivo por várias gerações, através de mitos e ritos, é considerada, por ele, como uma “ciência do concreto”, uma vez que está diretamente relacionada às qualidades sensíveis da natureza. Segundo ele, o pensamento mítico, no plano prático, elabora conhecimento estruturado, utilizando resíduos de acontecimentos. Numa segunda parte do ensaio, o autor procura estabelecer relações entre as observações feitas e o problema da arte que, apesar de interessante, não interessa de imediato ao propósito temático da disciplina.

LEVI-STRAUSS_CienciaConcreto.pdf

LEVI-STRAUSS_LaScienceDuConcreto.pdf

LEVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 2007.

LEVI-STRAUSS_MitoSignificado.pdf

LEVI-STRAUSS, Claude. A estrutura dos mitos. In: ——— **Antropologia estrutural**. Trad. de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. P. 237-266

Neste ensaio, Levi-Strauss propõe um método para a análise dos mitos. Trazendo o mito para o nível da linguagem, o autor parte do pressuposto de que existe uma dimensão além da língua e da fala (traduzida erroneamente no texto como “palavra”). Seria uma dimensão absoluta e imanente à própria categoria do mito. Sua unidade básica é, segundo ele, o “mitema”. Esse mitema tem como suporte físico unidades no mínimo frasais. Tal como as demais unidades linguísticas, o mitema só pode ser interpretado pelas relações que mantém com outros mitemas. Desse ponto de vista, a análise dos mitos exige que os mitemas sejam comparados entre si dentro da mesma narrativa mítica como também entre diversas narrativas. O cotejo de suas sequências e de suas similaridades de sentido formam uma matriz bidimensional em que nem todas as posições são ocupadas por mitemas. A interpretação, pois, do mito, segundo esse método, decorre da interpretação dessa matriz de mitemas, cujo conjunto pertence ao nível da dimensão linguística absoluta e imanente proposta pelo autor. No final do ensaio, há exemplo da aplicabilidade desse método.

LEVI-STRAUSS_EstruturaDosMitos.pdf

LEVI-STRAUSS_LaStructureDesMythes.pdf

LEVI-STRAUSS_StructuralStudyOfMith.pdf

LINTON, Ralph. **O homem**. Uma introdução à antropologia. Trad. de Lavinia Vilela do original de 1936, *The Study of man: an introduction*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

No primeiro desses dois capítulos — “A sociedade” —, Ralph Linton dá uma definição própria de sociedade: “todo grupo de pessoas que vivem e trabalham juntas durante um período de tempo suficientemente longo para se organizarem e para se considerarem como formando uma unidade social, com limites bem definidos.” (p. 97) O autor ressalta ainda que, diferentemente de um agrupado de pessoas, uma sociedade envolve “acomodação e organização do comportamento dos indivíduos seus componentes, e desenvolvimento de uma consciência de grupo, um sentimento de unidade”. (p. 98) No capítulo seguinte, “Status e papel” —, o autor descreve como a sociedade organiza o comportamento de seus membros. Para tanto, usa dos conceitos de status e papel: “o status é simplesmente um conjunto de direito e deveres” e “o papel representa o aspecto dinâmico do status”. Na proposta de Linton, esses dois conceitos organizam-se de forma muito semelhante ao que se propõe para as análises estruturalistas, como “língua e fala” ou “competência e desempenho”. Desse ponto de vista, o status seria a competência do indivíduo na sociedade, como *pai, filho, guerreiro, xamã, homem, mulher*, dentre muitos, e o papel seria o desempenho das atribuições específicas que cada sociedade especifica para cada um desses status. Assim, embora os status *homem* e *mulher* sejam comuns a todas as sociedades, seus papéis diferem entre elas. O autor propõe, ainda, que os status possam ser atribuídos ou adquiridos. Os status atribuídos “são os que se designam aos indivíduos, sem referência às diferenças de capacidades inatas.” São aqueles que a sociedade estabelece a despeito do desejo do indivíduo, tal como *homem, mulher, filho*. Os status adquiridos são aqueles selecionados pelos próprios indivíduos e requerem habilidades especiais para serem desempenhadas e, por isso, decorrem do esforço individual.

LINTON_OHomem_cap7e8.pdf

LINTON_Society_StatusAndRole.pdf

MALINOWSKI, Bronislaw. O problema do significado em linguagens primitivas. In: OGDEN, C.K. e RICHARDS, I.A. **O significado do significado. Um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo** por Álvaro Cabral e publicado pela Zahar, no Rio de Janeiro, no ano de 1979, e colocado às páginas 295-330

Texto clássico que apresenta uma visão antropológica do uso da língua. Alguns conceitos fundamentais dos estudos de linguagem foram lançados nesse texto, tais como o de *contexto de situação* e o de *comunhão fática* (na tradução ocorre como *pática*, por ser uma leitura do original inglês *phatic*) da linguagem. A sensibilidade do autor, antropólogos, para os dados linguísticos merece atenção especial.

MALINOWSKI_ProblemaSignificadoLinguagensPrimitivas_1923.pdf

MALINOWSKI_TheProblemOfMeaningInPrimitiveLanguages.pdf

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

MARCUSCHI_AnaliseDaConversacao.pdf

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

MCLUHAN, Marshall. Meios quentes e frios. In: ———. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. Trad. de Décio Pignatari do original de 1964. São Paulo: Cultrix, 1979. P. 38-50

Nesse capítulo, McLuhan faz a distinção, que se tornaria clássica, entre meios (mídia) quentes e frios. Embora ele não se valha de nenhum critério objetivo para essa classificação, oscilando entre a possibilidade de inserção (quente) ou de exclusão (frio) participantes, ou quanto à “intensionalidade” da informação (se for mais intenso ou com maior resolução, então será mais quente), ou por meros preconceitos — como sociedades “atrasadas” (frias) e a “nossa” sociedade (quente) — ou ainda por valores aleatórios — o *twist* é frio por ser “de gesto improvisado, envolvente e tagarela”, e o valsa é quente, por ser uma rápida e mecânica — ou ainda por opções pessoais do autor: a TV é fria e o cinema é quente. Seja como for, a classificação em meios quentes e frios é duradoura e permanece ainda hoje em uso.

MCLUHAN_MeiosQuentesEMeiosFrios.pdf

McLUHAN_MediaHotAndCold.pdf

MCLUHAN, Marshall. O meio é a mensagem. In: ———. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. Trad. de Décio Pignatari do original de 1964. São Paulo: Cultrix, 1979. P. 21-37

Nesse capítulo, McLuhan propõe uma revisão do conceito de mensagem, tal como vinha sendo discutido entre a Teoria da Comunicação e a Linguística. O autor retoma o conceito inicial de informação, como na proposição de Claude Shannon, em sua obra Teoria Matemática da Comunicação, em que a informação se confunde com o sinal, na medida em que a informação é a parte do sinal que se deseja codificar, transmitir e decodificar. Assim, McLuhan mostra que luz é um medium [ou meio] que é informação pura, a que não se acrescentou mensagem, mas ao ser usada com um propósito comunicativo, como num anúncio, numa tela de computador ou de TV — lembrando sempre que em qualquer uma dessas media, apenas o que há é o acender e apagar de luzes coloridas —, torna-se mensagem. Assim, a mensagem é o acréscimo que se faz ao meio portador. Segundo o autor, “a ‘mensagem’ de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas”. (p. 22) Ao trazer a responsabilidade da mensagem para o meio, McLuhan entende que “o meio é a mensagem porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas.” Assim, McLuhan estabelece que as restrições impostas pelo meio, como no caso da televisão que tem a restrição de somente funcionar onde há eletricidade, atuam conjuntamente com as vantagens e acréscimos que esse meio proporciona, como no caso da televisão em que as informações podem vir de grandes distâncias numa velocidade muito maior do que pelo contato pessoal.

MCLUHAN_OMeioEAMensagem.pdf

McLUHAN_TheMediumIsTheMessage.pdf

OLSON, David R. **O mundo no papel**. As implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. São Paulo: Ática, 1997.

.

OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy. (Orgs.) (1995). **Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Ática, 1995.

.

ONG, Walter. A oralidade da linguagem. In: ———. **Oralidade e cultura escrita. A tecnologização da palavra**. Campinas: Papirus, 1998. p. 13-24

Nesse capítulo, o autor apresenta a distinção entre oralidade primária e oralidade secundária. A primeira é a das sociedades (principalmente) ou a dos indivíduos que não tiveram contato com a escrita, e a segunda é a das sociedades e a dos indivíduos que tiveram contato com a escrita. Segundo ele, embora a oralidade primária não se possa mais encontrar, ela ainda permanece, em diferentes graus, em diferentes setores ou situações das sociedades letradas.

ONG_AOralidadeDaLinguagem001.pdf

ONG, Walter. Memória oral, enredo e caracterização. In: ———. **Oralidade e cultura escrita**. A tecnologização da palavra. Campinas: Papyrus, 1998. p. 41-91

Segundo o autor, o enredo linear típico dos enredos formulados nas narrativas de sociedades letradas segue o padrão da “pirâmide de Freytag” (um auge, um ponto culminante e um declive) na sequência dos acontecimentos narrados. Essa linearidade não ocorre nos enredos das narrativas das sociedades de oralidade primária, na medida em que os processos mnemônicos dessas sociedades exigem técnicas diferentes daquelas que são próprias das sociedades com escrita.

ONG_MemoriaOralEnredoCaracterizacao.pdf

PEIRCE, Charles Sanders. A fixação das crenças. In: MOTA, Octanny S. e HEGENBERG, L. (Orgs.). **Charles Sanders Peirce**. Semiótica e Filosofia. Trad. Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: CULTRIX/Editora da Universidade de São Paulo, 1975. P. 71-92

Texto em que o autor, Peirce, estabelece os mecanismos que geram crenças, como pontos de partida para o raciocínio, cujo propósito é, segundo ele “descobrir, a partir da consideração do que já sabemos, algo que não sabemos.” (p. 73) A isso que “já sabemos”, Peirce chama de crença, caracterizando-a como um estado “de tranquilidade e satisfação que não desejamos evitar ou transforma na crença em algo diverso. Pelo contrário, apegamo-nos tenazmente não apenas a crer, mas a crer no que cremos. [...] A crença não nos leva a agir de imediato, mas nos coloca em situação tal que, chegada a ocasião, nos comportaremos de certa maneira. [...] tão logo alcançamos uma crença firme, sentimo-nos satisfeitos, por completo, seja essa crença verdadeira ou falsa”. (excertos das p. 73-78). O autor propõe que haja quatro meios para a obtenção e a fixação das crenças: a tenacidade, a autoridade, o meio *a priori* e meio científico. O meio da tenacidade parte da repetição ou do “acordo de opiniões”; o meio da autoridade parte da obediência ou da admiração; o meio do *a priori* parte da escolha espontânea entre diferentes possibilidades; o meio científico parte do raciocínio lógico e é, obviamente, o único preconizado pelo autor.

PEIRCE_A_Fixacao_das_Crenças.pdf

PIRES, Maria Sueli de Oliveira. *Estratégias discursivas na adolescência*. São Paulo: Arte & Ciência/UNIP, 1997.

PRETI, Dino. Alguns problemas interacionais da conversação. In: PRETI, Dino (Org.) (2002)

REIS, Raul. The impact of television viewing in the brazilian amazon. **Human Organization**, n. 57. v. 3, pp.300-314, 1998.

Trabalho que procura descrever e avaliar o impacto da inserção da TV nos hábitos da população de São José das Pirabas.

REIS_OImpactoDaTelevisao_trad.pdf

REIS_TheImpactOfTelevisionViewingInTheBrazilianAmazon_1998.pdf

RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza (1995) Língua falada e língua escrita. In: PRETI, Dino (Org.). pp. 13-31

Nesse ensaio, a autora apresenta algumas diferenças básicas entre a língua falada e a língua escrita num contexto de sociedade letrada. Para a língua falada, a autora propõe a existência de um contexto conversacional, a ausência de planejamento, e o maior envolvimento entre os interlocutores; para a língua escrita ela propõe o distanciamento entre os interlocutores, a

presença de planejamento e um contexto marcado por um lapso de tempo entre a produção e a percepção do texto. De maneira geral, o trabalho permite estabelecer as diferenças entre a oralidade das sociedades de Tradição Oral e a oralidade das sociedades letradas, principalmente quanto à fluidez do uso da língua, definido no trabalho como planejamento x não-planejamento.

RORTY, Richard. Contingência, ironia e solidariedade. Trad. de Vera Ribeiro do original em inglês, publicado em 1989. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

A proposta de Rorty preconiza o vocabulário como a caracterização do que chama de verdade. Propõe uma realidade inacessível e independente desse vocabulário. Para ele, é a própria instância do discurso que constrói os fatos verdadeiros ou falsos. De seu ponto de vista, a essência desses fatos, indivíduo ou quaisquer outros fenômenos, são gerados discursivamente e adquirem sua verdade pela coerência interdiscursiva. Por esse motivo, estão fortemente associados às contingências da linguagem do momento.

Rorty_Contingencias002.pdf

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. Trad. de Antônio Chelini et alii. São Paulo: Cultrix, 1977.

Texto clássico que apresenta as bases teóricas para a hipótese estruturalista do funcionamento da linguagem. Pretendia tratar da língua do ponto de vista de sua manifestação vocal. Do ponto de vista da Tradição Oral, as hipóteses do autor/organizadores corroboram a dicotomia entre as manifestações linguísticas próprias da Tradição Oral e as manifestações linguísticas próprias da tradição letrada. Todos os trabalhos desenvolvidos baseados nesse modelo estruturalista, apoiaram-se em análises da fala convertida em transcrições escritas, desprezando, especialmente os aspectos prosódicos e não-segmentais da linguagem.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: Ki-Zerbo, J. (Org.). **História geral da África I.** Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1982.

Com a perspectiva do estudo histórico por meio da Tradição Oral, Vansina estabelece uma metodologia de análise dessa oralidade. Segundo ele, a memória exige técnicas próprias para a manutenção e a expressão. Por meio da interpretação dessas formas próprias de expressão ele associa a características semelhantes às da própria literatura.

VANSINA-Ki-Zerbo-TradiçãoOral.pdf

VANSINA_OralTraditionAndItsMethodology.pdf

WEBER, Max. Os três tipos puros de dominação legítima. In: COHN, Gabriel (Org.). **Max Weber.** Textos selecionados. Trad. Gabriel Cohn. São Paulo: Ática, 2003. p. 128-141

Neste ensaio, escrito em 1922, Weber procura compreender o que torna possível determinado indivíduo exercer uma liderança, ou uma dominação, sobre uma coletividade. Ele propõe a existência de três tipos básicos: dominação legal, tradicional e carismática. Quanto às duas primeiras, decorrem da burocracia e das crenças instituídas socialmente, e por isso são permanentes. A dominação carismática essa é pessoal e transitória, i.é, dura enquanto durar a crença e o reconhecimento que todos têm em seu carisma. Segundo o autor, obtém-se o carisma não somente por dotes sobrenaturais, faculdades mágicas ou heroísmo, também pela novidade e pelo arrebatamento emotivo. Apesar de ser pessoal, na sua transmissão interpessoal, o carisma pode converter-se em dominação legal ou tradicional.

WEBER_OsTresTiposPurosDeDominacaoLegitima.pdf

BIBLIOGRAFIA DE APOIO (NARRATIVAS)

ALMODÓVAR, Pedro. Hable con ella. 2002.

O filme se insere na tradição da narrativa Tália, de Basile, que, posteriormente foi definida como Bela Adormecida, pelas mãos de Perrault.

BARROS, Leandro Gomes de. História do boi misterioso. São Paulo: Hedra, 2004.

Narrativa em verso, feita em cordel. Reproduz características bastante peculiares da Tradição Oral.

BOMBINHO, Manuel Pedro das Dores (2002). **Canudos, história em versos**. São Paulo: Hedra/Imprensa Oficial/EdufSCar, 2002.

Narrativa em verso, feita em cordel. Reproduz características bastante peculiares da Tradição Oral.

CADOGAN, León. **Ayvu rapyta**: textos míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá. Asunción: Fundación "León Cadogan"/CEADUC-CEPAG, 1992.

Conjunto de narrativas coletadas pelo autor, que lhe foram transmitidas diretamente dos falantes da língua e membros atuantes do grupo guarani. Estão transcritas em guarani e em espanhol. Há um grande conjunto de notas explicativas feitas pelo autor.

CAFFE, Eliane. **Narradores de Javé**. O povo aumenta, mas não inventa.

A cidade de Javé será submersa pelas águas de uma represa. Inconformados, descobrem que o local só poderia ser preservado se houvesse um patrimônio histórico de valor comprovado em "documento científico". Decidem então escrever a história da cidade - mas poucos sabem ler e só um morador, o carteiro, sabe escrever.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Locuções tradicionais no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1986.

Vocabulário de expressões idiomáticas, discutidas uma a uma quanto a suas origens e difusão.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Lendas brasileiras**. São Paulo: Global, 2001.

Coletânea de textos populares, tratados como lendas. Têm origem diversa. Redigidos pelo próprio autor.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. São Paulo: Global, 2000.

Coletânea de narrativas populares, redigidas pelo autor. São textos com motivos tradicionais, muitos deles de origem medieval e muitos deles com origens indígenas.

CASTILHO, Ataliba Teixeira; PRETI, Dino (Orgs.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. Vol. II Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T.A.Queiroz/Fapesp, 1987.

Conjuntos de transcrições de gravações de diálogos produzidos para o projeto NURC. As transcrições seguem parâmetros específicos do projeto. Não há marcação de prosódia, senão a proposição intuitiva de pausas e de ênfase, por meios de reticências e de letras maiúsculas, respectivamente. Não há qualquer outra pontuação.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de.; PRETI, Dino. (Orgs.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. Materiais para seu estudo. Vol. I - Elocuções Formais**. São Paulo: T.A.Queiroz, 1986.

Conjuntos de transcrições de gravações de discursos formais, como aulas e conferências, produzidos para o projeto NURC. As transcrições seguem parâmetros específicos do projeto. Não há marcação de prosódia, senão a proposição intuitiva de pausas e de ênfase, por meios de reticências e de letras maiúsculas, respectivamente. Não há qualquer outra pontuação.

CINTA-LARGA, Pichuvy. *Mantere ma kwé tinhin. Histórias de maloca de antigamente*. Belo Horizonte: SEGRAC/CIMI, 1988.

Narrativas Cinta-Larga, traduzidas e no original. A tradução foi feita por um falante da língua, com pouquíssimo domínio da língua portuguesa.

CLASTRES, Pierre. **A fala sagrada**: mitos e cantos sagrados dos índios Guarani. Campinas: Papirus, 1990.

Coletânea de narrativas guaranis, traduzidas para o português, a partir da tradução francesa. Não está presente o texto original guarani.

CORNELIO, José M. et al. *Waferinaipe Ianheke. A sabedoria dos nossos antepassados. Histórias dos Hohodene e dos Waipere-Dakenai do rio Aiari*. São Gabriel da Cachoeira: Acira/foirn, 1999.

Conjunto de narrativas Baniwa feitas pelos membros do grupo e traduzidas para o português pelo antropólogo Robin Wright.

FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Trabalho descritivo das práticas culturais dadas como folclóricas que o autor encontrou na cidade de São Paulo. O autor ensaia umas interpretações sociológicas dos textos e apresenta algumas visões históricas mais abrangentes de algumas das práticas descritas.

GARCIA, Wilson G. **Nhande Rembypy**. Nossas origens. São Paulo: Ed. da Unesp, 2003.

Conjunto de dados coletados diretamente dos guaranis kaiowá do MS. É uma publicação bilíngue com muito material para reflexão e análise.

GIVÓN, Talmy. Extrapolation number 1: the communicative system of canines. In: ———. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979. p. 277-291

Nesse trabalho, especialmente no capítulo referido, o autor procura apresentar sua hipótese sobre a comunicação interespecie, a partir de dados que ele próprio coletou em sua experiência com um cachorro doméstico dessa natureza. Desse ponto de vista, é possível verificar que a comunicação por meio de códigos pode se estabelecer entre diferentes espécies, sem que seja necessário o desenvolvimento de um código linguístico elabora, como a língua. [Há uma tradução para o português, da Cortez e da EDUFPR, de 2012]

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. Mitos e Lendas dos Índios Taulipáng e Arekuná. **Revista do Museu Paulista**, Nova Série, n. 7, pp. 9-20, 1953. Tradução do 2º. vol. de Vom Roraima zum Orinoco, Berlim, 1916, com exceção do prefácio e dos textos com tradução interlinear.

KUMU, Umúsin Panlon; KENHÍRI, Tolaman. **A mitologia heróica dos índios desâna**. Antes o mundo não existia. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1980.

LOBATO, Monteiro. **O Sacy Pererê**: resultado de um inquérito. Rio de Janeiro: Gráfica JB, 1918.

Coletânea de narrativas de saci, promovida por Monteiro Lobato. Todas elas foram enviadas por leitores do jornal O Estado de São Paulo, ao autor.

LOBATO, Monteiro. **Fábulas e histórias diversas**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

MINDLIN, Betty (Org.) **Moqueca de maridos**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

MINDLIN, Betty (Org.). **Terra Grávida**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1999.

MINDLIN, Betty (Org.). **Vozes da origem**. São Paulo: Iamá/Ática, 1996.

MIRICK, Daniel; SANCHEZ, Eduardo. **A bruxa de Blair**, 1999.

Três estudantes vão à floresta de Burkittsville, Maryland, Estados Unidos, para fazer um documentário sobre a lenda de uma bruxa.

NASCIMENTO, Maria Fernanda B. et al. **Português fundamental. Volume Segundo. Métodos e Documentos. Tomo Primeiro. Inquérito de Frequência**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987.

PRETI, Dino; URBANO, Hudinilson (1988). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. Materiais para seu estudo. Vol III - Entrevistas*. São Paulo: T. A. Queiroz/Fapesp.

ROMERO, Sílvio (Org.). **Contos populares do Brasil**. São Paulo: Landy, 2000.

Coletânea de narrativas populares coletadas e redigidas pelo próprio organizador.

SILVA, Fernando Correia da (Org.). **Contos indianos**. Trad. de Albertino Primeiro Junior *et alii*. São Paulo: Ediouro, 19XX.

Coletânea de contos indianos, organizada por períodos e modelos diferentes de narrativas. Traduzidos ao português.

TANGERINO, Celeste Ciccarone (Org.). **Revelações sobre a terra**: a memória viva dos Guarani. Vitória: UFES, 1996.

Coletânea de narrativas organizada por antropóloga especialista no trabalho com grupos guarani. Tratam particularmente das viagens feitas do Sul até o Espírito Santo, onde atualmente estão assentados.

TRANCOSO, Gonçalo Fernandes. **Contos e história de proveito e exemplo**. Ed. fac-similada da impressão de 1575. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1982.

Coletânea de contos feita por Gonçalo Trancoso no séc. XVI.

TSAIRU, José Mateus et al. **Shenipabu Miyui. História dos antigos**. Rio Branco: Comissão Pró-Índio do Acre, s.d.

VIDAL, Lux. (Org.) **Grafismo indígena. Estudos de antropologia estética**. São Paulo: Fapesp/Studio Nobel/Edusp, 1992.

Coletânea muito bem ilustrada dos grafismos produzidos por muitos grupos indígenas no Brasil. Há explicações minuciosas, bem como diversas análises e interpretações desses grafismos feitas por antropólogos especialistas em cada grupo.

XEDIEH, Osvaldo. **Narrativas Pias Populares**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo; Edusp, 1993

Conjunto de narrativas de caráter religioso cristão coletadas no interior paulista pelo próprio autor.

BIBLIOGRAFIA SUPLEMENTAR

AMARAL, Amadeu. **Tradições populares**. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, 1982.

Obra de caráter descritivo, em que o autor descreve características das tradições populares particularmente do estado de São Paulo. O trabalho aborda um número muito grande de aspectos comportamentais da população estudada, sejam diacríticos culturais, sejam padrões de moralidade e excelência.

ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O. (2001). *Relevância e contexto: o uso de digressões na língua falada*. São Paulo: Humanitas/Fapesp.

BARBOSA, Gustavo. **Grafitos de banheiro**. A literatura proibida. Rio de Janeiro: Ânima, 1986.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; MELO, Zilda Maria Z. C. M. (1990). Procedimentos e funções da correção na conversação. In: PRETI; URBANO (Orgs.). pp. 13-58

BARROS, Diana Luz Pessoa de (2002). Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, Dino (Org.). pp. 57-77

BETTELHEIM, Bruno. A bela adormecida. In: ——— **Psicanálise dos contos de fadas**. Trad. do inglês de Arlene Caetano. 27. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 311-324

BOTTÉRO, Jean; Morrison, Ken *et alii*. **Cultura, pensamento e escrita**. São Paulo: Ática, 1995.

DIXON, Robert M.W. **The rise and fall of languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

O autor estabelece a hipótese de que a transformação das línguas em geral sujeita-se a dois processos distintos, a que ele chamou de pontual e areal. A transformação pontual é a que decorre das grandes comoções sociais, tais como invasões, guerras, catástrofes, em que, em muito pouco tempo, as línguas se difundem e se transformam, estabelecendo grades diferenças até mesmo entre gerações contíguas. Nesse caso, formam-se as línguas crioulas, os dialetos, etc. A transformação areal decorre da lenta interinfluência promovida pelo contato constante entre diversos povos durante muitos séculos. Nesse caso, as mudanças em cada língua têm o sentido da homogeneização e não da diferenciação como na transformação pontual. A transformação areal seria mais facilmente apreendida pela classificação tipológica das línguas, enquanto que a pontual o seria pela classificação genética.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Trad. de Hildegard Feist, da edição em inglês de 1994. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. Trad. de Manuela Torres do original francês de 1969. Lisboa, Edições 70, 1981.

Nesse trabalho, o autor estabelece a hipótese de que as sociedades que ele chama de “primitivas” têm como parâmetro comportamental o comportamento descrito nas narrativas religiosas. O autor, entretanto, não formula a hipótese dessa maneira. De fato, ele entende

que essas sociedades acreditam simplesmente na circularidade do tempo e, portanto, todos os comportamentos atuais simplesmente repetem o comportamento dos ancestrais primevos. Em que pese essa diferença na interpretação de Eliade, tanto em relação a tomar as sociedades de Tradição Oral como “primitivas”, como em relação à crença da circularidade do tempo, a hipótese de que as sociedades reproduzem os comportamentos narrados vai na direção da proposta de Brunner, Geertz, Barth, Damásio...

FERREIRA, Lúcia M.A.; ORRICO, Evelyn (Org.) (2002). **Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações**. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2002.

FERREIRA NETTO, Waldemar. **Os índios e a alfabetização**. Aspectos da educação escolar entre os Guarani do Ribeirão Silveira. São Paulo: Paulistana, 2012.

Trabalho que procura verificar as condições culturais que enfrentaria a inserção da educação escolar na sociedade de Tradição Oral Guarani. O autor defende a tese de que a educação escolar, e por consequência a escrita, teriam de ser tratadas, a princípio, como um elemento marginal às práticas culturais próprias do grupo, para que pudessem sofrer as adaptações necessárias para a sua inserção como fenômeno cultural próprio.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. pp. 35-99

HAMANN, Stephan B.; ELY, Thimoty D.; KILTS, Clinton. Amygdala activity related to enhanced memory for pleasant and aversive stimuli. **Nature Neuroscience**, n. 2 v. 3, p. 289-293, 1999.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (Org.). **História geral da África I. Metodologia e pré-história da África**. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1982.

HAVELOCK, Eric A. **A musa aprende a escrever**. Reflexões sobre a oralidade e a literacia da Antiguidade ao presente. Lisboa: Gradiva, 1996.

HAVELOCK, Eric A. **A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais**. São Paulo: Ed. Unesp/Paz e Terra, 1996.

HELLER, Agnes. *Sobre os instintos*. Lisboa: Editorial Presença, 1983. pp. 13-44

HELLER, Agnes. La heterogeneidad de la vida cotidiana. In: ——— **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelona, Ediciones Pésninsula, 1977. p. 93-118

HOLLOWAY, Ralph. Human paleontological evidence relevant to language behavior. **Human Neurobiology**, n. 2, p. 105-114, 1983.

JOHNSON, Stephen. Todos por um. In: ———. *Emergência. A dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003. pp. 9-18

KAPFERER, Jean-Noël **Boatos**. O mais antigo mídia do mundo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KATO, Mary Aizawa et al. *Estudos em alfabetização*. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: Ed. da Universidade Federal de Juiz de Fora, 1997.

KATO, Mary Aizawa. **No mundo da escrita**. Uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 2000.

KATO, Mary Aizawa. (Org.). (2002). **A concepção da escrita pela criança**. Campinas: Pontes, 2002.

KNAPP, Mark L.; HALL, Judith. **Comunicação não-verbal na interação humana**. São Paulo: JSN Editora, 1999.

LADEIRA, Maria Elisa. De bilhetes e diários: oralidade e escrita entre os Timbira. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal (Orgs.). **Antropologia, História e Educação: a questão indígena na sala de aula**. São Paulo: Global/Fapesp/Mari, 2001. pp. 303-30

LE GOFF, Jacques. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estudos Avançados**, v. 44, n. 16, janeiro-abril, 2002, disponível em: <http://www.escriitoriodolivro.org.br/historias/burke.html>

LIMA, Nei Clara de. **Narrativas orais: uma poética da vida social**. Brasília: UnB, 2003.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Mito, ciência e religião**. Trad. de Maria Georgina Segurado da tradução em inglês. Lisboa: Edições 70, 19XX.

- MALINOWSKY, Bronislaw. *Estudios de Psicología Primitiva*. Buenos Aires: Paidós, 1949.
- PEREIRA, Vera Lúcia Felício. **O artesanato da memória**. No vale do Jequitinhonha. Belo Horizonte: Ed. UFMG/Ed. PUC-Minas, 1996.
- PIRES, Maria Sueli de Oliveira. *Estratégias discursivas na adolescência*. São Paulo: Arte & Ciência/UNIP, 1997.
- POMPEIA, Sabine; BUENO, Orlando. Um paradigma para diferenciar o uso de memória implícita e explícita. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 19, n. 1, p. 83-90, 2006.
- PRETI, Dino; URBANO, Hudinilson. (Orgs.) (1990). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. Vol. IV - Estudos*. São Paulo: T.A. Queiroz/Fapesp.
- PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- PRETI, Dino (Org.). **O discurso oral culto**. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1997.
- PRETI, Dino. (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 1995.
- PRETI, Dino. (Org.). **Estudos de língua falada: variações e confrontos**. São Paulo: Humanitas, 1998.
- PRETI, Dino. (Org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, 2000.
- PRETI, Dino. (Org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2002.
- PRETI, Dino. (Org.). **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2003.
- ROSA, Margaret. **Marcadores de atenuação**. São Paulo: Contexto, 1992.
- ROSENFELD, Israel. **A invenção da memória: uma nova visão do cérebro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- SCHLIEBEN-LANG, Brigitte. Normas do falar, da língua e dos textos. In: ———. *História do falar e história da lingüística*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.
- SCHOTT, Björn H.; HENSON, Richard N.; RICHARDSON-KLAVEHN, Alan; BECKER, Christine; THOMA, Volker; HEINZE, Hans-Jochen; DÜZEL, Emrah . Redefining implicit and explicit memory: The functional neuroanatomy of priming, remembering, and control of retrieval. **PNAS**, n. 102, v. 4, p. 1257–1262, 2005.
- SCRIBNER, Sylvia; COLE, Michael. (1973). Cognitive consequences of formal and informal education. **Science**, v. 182, n. 4112, 1973. pp. 553-9
- URBANO, Hudinilson (2000). A linguagem falada e escrita de Helena Silveira. In: PRETI, Dino (Org.). pp. 157-90
- URBANO, Hudinilson *et alii* (2001). *Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino*. São Paulo: Cortez Editora.
- VANSINA, Jan. **La tradición oral**. Barcelona: Editorial Labor, 1968.
- ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. "A literatura" medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.